

ENTREVISTA COM DONATELA CALABI

INTERVIEW WITH DONATELA CALABI

ENTREVISTA CON DONATELA CALABI

POR MARIA BEATRIZ ANDREOTTI

1) Existe uma vertente de discussões sobre o urbanismo próprio da América Latina?

Donatela Calabi: Sim, acredito que haja em curso uma interessante discussão acerca do urbanismo da América Latina, tanto em relação à cultura europeia quanto à norte-americana. O que recentemente emergiu de forma significativa foi uma especial atenção ao caráter específico e original dos planejamentos sul-americanos, abrindo o campo para uma abordagem que, por diversos anos, considerou os trabalhos desta parte do mundo como “traduções” feitas em atraso do conhecimento europeu (referentes ao período 1850-1930) ou norte-americano (sobretudo no período sucessivo a 1930).

Nos anos mais recentes, entretanto, começou-se a falar de “circulação de ideias”, dos modelos, dos manuais, das revistas, sabendo-se que na América Latina existe uma produção cultural e autóctone que merece ser valorizada.

2) No seu livro, há uma importância significativa dada aos instrumentos e de intervenção legal na cidade. No Brasil, essa esfera política hoje se encontra um pouco desligada da formação e atuação dos profissionais arquitetos. Quais são as consequências deste afastamento? Ocorre o mesmo na formação dos profissionais arquitetos nos países europeus?

Donatela Calabi: Acredito que hoje, no mundo todo, a confiança no poder dos instrumentos técnicos e jurídicos do urbanismo, como foi se formando na segunda metade do século XIX, tenha colocado amplamente em discussão: o que analisei em meu livro se referia realmente a diversos períodos da história do urbanismo como disciplina. Sim: na Europa a esfera política também se afastou da formação e das preocupações dos arquitetos profissionais. Na Universidade Iuav de Veneza, as questões relativas às políticas urbanas e territoriais são matérias de um curso específico, quase totalmente separado daquele dos arquitetos. Mas, em geral, devo dizer que há uma “desafeição” em relação ao urbanismo. São poucos os alunos que escolhem esta especialização e, por outro lado, as intervenções das repartições públicas favorecem cada vez menos os planos urbanísticos como forma de governar seus territórios e utilizam-se, entretanto, de acordos ou convenções com a iniciativa privada, que constitui uma outra forma de tomar decisões operacionais. Entre-

tanto, o risco de tudo isso é uma tendência dos arquitetos ao puro formalismo de algumas de suas propostas, uma atenção escassa às consequências de alguns projetos em termos de mudanças de fluxos, estrutura comercial e ordem dos trabalhos.

3) Como a senhora analisa as transformações do território brasileiro a partir dos dois grandes eventos que ocorrerão no país, a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas de 2016? Quais outras questões seriam relevantes para o urbanismo no Brasil nas próximas décadas?

Donatela Calabi: Como no mundo todo, eventos extraordinários como a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas de 2016 terão, certamente, grande impacto nas cidades nas quais serão realizados. Esses eventos podem constituir uma oportunidade formidável de repensar e de renovar as cidades. Contudo, mais uma vez a “história” nos ajuda: temos exemplos de construções realizadas para esses eventos que se preocuparam muito pouco com o desenvolvimento e as demandas das cidades, e que construíram algumas catedrais em desertos e outras construções que foram utilizadas como pretexto para alavancar alguns processos e novas propostas para locais abandonados da cidade. Eu daria como exemplo os esforços feitos para a Expodel '92 em Sevilha (onde grandes áreas foram reurbanizadas com edifícios caríssimos e agora a maioria está abandonada), e em Genova (na qual, ao contrário, foi recuperada a parte frontal do porto, ligando-a diretamente ao centro da cidade). Mas não sei exatamente o que está sendo feito nas cidades brasileiras indicadas para este evento e, em particular, no Rio de Janeiro, para poder dizer qual possa ser o êxito dos investimentos imobiliários para tais eventos.

4) No seu livro a senhora discorre sobre como o urbanismo deve ser avaliado a partir de uma análise histórica não necessariamente ligada à história da arquitetura. No Brasil, a formação dos arquitetos urbanistas privilegia um currículo que estuda as duas disciplinas de maneira conjunta (as disciplinas são nomeadas “história da arquitetura e do urbanismo”). Quais são as dificuldades que esta escolha traz à formação dos profissionais arquitetos e urbanistas? Quais são as alternativas possíveis para isso?

Donatela Calabi: Na Itália também “A história do urbanismo” é ensinada principalmente nas escolas de arquitetura e, do ponto de vista disciplinar, recai no rótulo de “História da Arquitetura”. Parece-me, todavia, que os instrumentos para conhecer as transformações da cidade são bem diferentes daqueles que são necessários para se estudar como nasceu e como se realizou uma manufatura edilícia - a abordagem de qualquer forma do conhecimento histórico tout-court - mas o objeto das próprias pesquisas é diferente (como quando se estuda a história de uma obra musical ou de um trecho literário).

É difícil falar em geral a respeito das universidades europeias, porque as várias nações têm histórias diferentes no que se refere à inclusão do urbanismo (e, portanto,

da história do urbanismo). Se na Itália, como eu disse, existem grandes analogias com o Brasil, na Inglaterra o *planning* é um âmbito de estudos que não está muito ligado à Arquitetura, mas sim à História Social e Econômica; na França, o urbanisme recai principalmente na esfera de atenção dos geógrafos. Existem, em suma, histórias acadêmicas diferentes as quais temos que levar em conta.

DONATELA CALABI Università Iuav di Venezia | Facoltà di Architettura | Dipartimento di Architettura Costruzione Conservazione | Santa Croce, 191, Tolentini, 30135, Venezia, Italia.

MARIA BEATRIZ ANDREOTTI Universidade Estadual de Campinas | Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas | Cidade Universitária Zeferino Vaz, s/n., Barão Geraldo, 13083-970, Campinas, SP, Brasil | Correspondência para/Correspondence to M.B. ANDREOTTI E-mail: <bea.andreotti@gmail.com>.